

Convergência e bifurcação: a fase mágica de Simondon como condição genética da cultura

*Vinícius Portella Castro*¹

Resumo: Neste artigo tenta-se explicar o que é a "fase mágica" dentro da teoria trifásica da cultura de Gilbert Simondon, e defender que esta seria uma condição genética da criatividade e da reticulação coletiva, e neste sentido um ponto focal ainda subdimensionado do aspecto político da filosofia da técnica de Simondon. A estranha noção de que a magia poderia voltar a existir nas redes técnicas modernas é brevemente discutida a partir de algumas obras de arte.

Palavras-Chave: Simondon. Filosofia da técnica. Magia. Teoria trifásica da cultura. Política.

Convergence & Bifurcation: the magical phase in Simondon as a genetic condition of culture

Abstract: This article attempts to explain what the "magic phase" is within Gilbert Simondon's triphasic theory of culture, and to argue that this would be a genetic condition of creativity and collective reticulation, and in this sense a still underrated focal point of the political dimension of Simondon's philosophy of technics. The strange notion that magic could come to exist again under modern technical networks is briefly discussed in relation to recent and contemporary works of art.

Keywords: Simondon. Philosophy of technics. Magic. Triphasic theory of culture. Politics.

¹ Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1074-4076>. E-mail: viniciusportella@gmail.com.

Submetido em: 24/01/2022 – **Aceito em:** 31/05/2022.

Convergencia y bifurcación: la fase mágica de Simondon como condición genética de la cultura

Resumen: Este artículo trata de explicar qué es la "fase mágica" dentro de la teoría trifásica de la cultura de Gilbert Simondon, y argumentar que esta sería una condición genética de la creatividad y la reticulación colectiva, y en este sentido un foco aún subdimensionado de la filosofía de la técnica de Simondon. La extraña noción de que la magia podría volver a existir en las redes técnicas modernas se analiza brevemente a partir de algunas obras de arte.

Palabras clave: Simondon. Filosofía de la técnica. Magia. Teoría trifásica de la cultura. Política.

"Todo ato, toda coisa, todo momento,
tem em si capacidade de se transformar em ponto
notável de uma nova reticulação do universo"

(Simondon, 2012, p. 249)

1. Introdução

A princípio, a fase mágica da cultura é apresentada por Simondon como uma realidade atualmente indisponível (fora de suas atualizações parciais pelo campo da estética). Mas há também uma sugestão um pouco críptica de que a magia poderia ser recriada (2012, p. 146). Ou, no mínimo, que as três fases da cultura (mágica, religiosa e técnica) poderiam comportar uma nova síntese ou configuração histórica através de uma nova mediação da dimensão estética.

O que isto pode significar? Em que sentido a fase mágica ainda subsiste em culturas religiosas e técnicas, e em que sentido ela poderia ser, talvez, re-ativada numa nova forma de configuração cultural convergente? Se técnica e religião nascem como desdobramentos do campo mágico primitivo, as saturações formais da técnica e da religião não funcionam como o "fim" da história ou da cultura. As 'fases' da cultura em Simondon não constituem uma teleologia histórica, ao menos não exatamente.

Como vamos ver, devem ser pensadas antes como fases da matéria do que como três fases temporais sucessivas em relação convencional de progresso.

Tentarei perseguir as dimensões latentes dessa discussão na filosofia da técnica de Simondon, e, em particular, em que medida essa possível nova convergência mágica poderia contribuir para a emergência de uma cultura técnica equalizada e emancipadora, que lute contra a servidão ao invés de amplificá-la.

A tese que pretendo defender neste artigo é basicamente de que a fase mágica, enquanto condição ontogenética da criatividade e da reticulação coletiva vital, seria na realidade um ponto focal da dimensão política da obra de Simondon, amplamente compreendida. A sua visão de uma sociedade técnica equalizada, em que o trabalho não mais se divida entre quem projeta e quem executa, parece radical demais para caber nas suas tímidas propostas políticas explícitas (a saber, basicamente: pedagogia técnica e mediação mecanológica mais adequadas à realidade operatória dos conjuntos socio-técnicos que nos governam²).

Desta forma, a fase mágica poderia ser compreendida como um campo possível para experimentação de formas futuras de convergência e de reticulação coletivas de forças sociais e naturais. Assim como a dimensão pré-individual continua presente no indivíduo, latente, mas como potencial real, assim como a natureza e o ilimitado permanecem inscritos nos limites postos da cultura, a fase mágica continuaria presente, de forma latente, em especial no universo da estética e das obras de arte. Mas não só.

Como se nota, o artigo tem um teor especulativo, mas tentarei ancorar esta especulação em alguns exemplos concretos de reticulação coletiva. Mas para começar a dimensionar melhor a fase mágica, precisamos antes explicar a estranha teoria trifásica da cultura de Gilbert Simondon.

² Sem desprezar, é claro, o poder transformador que uma revolução Simondoniana na educação poderia ter.

2. A fase mágica e a teoria trifásica da cultura

Existem dois elementos que precisamos estabelecer antes de chegar à fase mágica que Simondon descreve no seu "Do Modo de Existência dos Objetos Técnicos" (2012), a chamada *tese suplementar* escrita em 1958 (doravante: MEOT). Um deles é o uso que Simondon faz do esquema de **figura e fundo**, da teoria da Gestalt. O outro é o sentido de **fase** com que ele está trabalhando.

Em primeiro lugar: a teoria da Gestalt surge no início do século XX na Alemanha e na Áustria, com psicólogos como Wolfgang Kohler e Max Wertheimer, e com a tese de que a percepção se estrutura em 'todos' dinâmicos, e que haveria nesse campo de interrelação sistêmica entre parte e todo, na percepção, algo mais do que a mera soma discreta das partes. É justamente essa reciprocidade de campo entre parte e todo que atrai Simondon. O esquema de Figura e fundo seria um destes esquemas elementares da percepção descritos pela Gestalt, tornado famoso pelos esquemas bi-reversíveis do dinamarquês Edgar Rubin, apresentados em 1915, como o Vaso que leva seu nome. Simondon atribui um valor analógico extraordinário a este esquema, apresentando-o nada mais nada menos como o substituto da dialética para descrever o esquema genético das transformações culturais históricas.

Mas essa proposta se dá a partir de uma mudança considerável, que ocorre em torno da tese da Gestalt de que a estruturação se daria como busca do equilíbrio mais baixo (que para Simondon, sempre equivale à estabilidade da morte, da falta de potenciais para transformação).

Então, no lugar dessa busca por um equilíbrio estabilizador dissipativo, a estruturação formal em Simondon deve ser pensada a partir de um estado de tensão, um estado que cria a compatibilização de forças até então incompatíveis, permitindo a invenção de estruturas para a resolução de problemas gerativos; e este processo de estruturação formal deve ser considerado a partir de patamares de complexidade obtidos por equilíbrios meta-estáveis sucessivos de configuração energética e estrutural. Um equilíbrio meta-estável, para resumir bastante, é um equilí-

brio que ainda detém energia para transformação ulterior (a estabilidade para Simondon sendo uma imagem da morte, da falta de potencial para transformação).

Em segundo lugar: Simondon se baseia no conceito termodinâmico de mudança de fase para formular essa sua teoria trifásica da cultura. Uma fase, aqui, e isso é muito importante, não é um momento temporal sucedido por outro, mas é um aspecto que resulta do desdobramento do ser em oposição a outro aspecto (SIMONDON, 2012, p. 221). Ou seja, como as fases da matéria uma em relação às outras (o líquido existe na Terra em relação ao sólido e ao gasoso, e não sozinho). O que o esquema trifásico do Simondon diz é: a religião e a técnica precisam ser pensadas em sua disposição genética com a magia. As três coisas só fazem sentido de verdade quando pensadas juntas, para Simondon.

É nesse sentido que Simondon (2012, p. 313) diz que as fases do ser são dadas em conjunto, e que as noções de permanência e sucessão, portanto, dizem respeito a um ser monofásico, enquanto a sua filosofia tenta descrever um ser polifásico. Para ele, a sucessividade das etapas dialéticas deve ser contraída em paralelismo de fases do ser (SIMONDON, 2013, p. 313), o que se torna possível a partir do momento em que passamos a pensar no devir como devir do ser, e não como o seu oposto (a tensão de incompatibilidades que devém solução amplificadora não é uma oposição lógica, como a oposição entre ser e nada em Hegel, mas uma disparidade intensiva, como a relação entre luz e escuridão gerada pela rotação do nosso esferóide em relação ao Sol).

Segundo o esquema genético de Simondon, a cultura primeiro emerge na forma dessa fase mágica, onde há reticulação direta de figura e fundo, e ainda não há separação firme entre sujeito e objeto. Essa fase mágica seria a emergência de uma rede de pontos-chave de troca entre o ser e o meio (SIMONDON, 2012, p. 229), rede que é o vínculo vital e prático de uma comunidade humana ao seu ambiente.

É a partir deste campo mágico primitivo, portanto, dessa rede de troca com o meio, que se desdobrariam a técnica e a religião, a técnica como objetificação do mundo em instrumentos e

objetos, realce das estruturas figurais; e a religião como forma geral de subjetivação dos indivíduos, realce dos valores de fundo que atam os indivíduos à comunidade.

Essa ideia do paralelismo de fases pode ser um pouco difícil de se apreender. Afinal, Simondon claramente descreve a magia como vindo *antes* das outras fases. Mas a ideia aqui é que assim como o pré-individual não deixa de existir com a emergência do indivíduo por meio do transindividual, assim como a natureza continua a existir debaixo da cultura, e a fase mágica também não some por inteiro, continua presente na arte e na experiência estética. As fases do ser então se encontram contraídas num esquema simultâneo e sucessivo ao mesmo tempo.

Como Simondon diz, embora exista de fato sucessão na gênese, as etapas sucessivas estão simultâneas dentro da cultura, com relações e interações entre fases simultâneas e sucessivas. Esse paralelismo de fases, que é crucial para o pensamento de Simondon e para sua oposição explícita à dialética (Hegelian), também significa que bifurcações a partir de um campo saturado podem sempre gerar, quando re-agrupadas em nova configuração de figura e fundo, novos modos de saturação formal ou funcional. Dentro do esquema genético trifásico de Simondon, portanto, temos a técnica e a religião como desdobramentos da magia, respectivamente, em figura e fundo. A magia lidava com toda a relação com a natureza, sendo a reticulação *direta* do ser e da comunidade no meio-ambiente, mas agora a técnica fica com a figura e a religião fica com o fundo. Nenhum dos dois domínios consegue lidar com a cultura como um todo.

Se a teoria trifásica de Simondon é uma maneira justa ou antropológicamente adequada de descrever a cultura humana, não me cabe julgar aqui neste artigo, embora diria no mínimo que a sua apresentação quase a-histórica do esquema é, no mínimo, um tanto problemática. Afinal de contas: devemos entender que essa teoria trifásica descreve a formação contingente do mundo europeu a partir do mediterrâneo, ou devemos entender que as tendências descritas por Simondon funciona como uma chave esquemática válida para toda cultura humana? Descreve a China,

descreve os povos americanos sem Estado? Simondon não deixa isso muito claro, e nada disso é trivial. Mas tentarei, em que pesem estes problemas, oferecer aqui uma leitura generosa que possa extrair o melhor rendimento possível da ideia.

Há momentos que deixam claro que Simondon não está oferecendo uma linha evolucionista unívoca e teleológica da cultura, como quando ele diz que a magia é mais potente do que a técnica e a religião. Quanto a isto, ele é taxativo: técnica e religião são consideradas fases contemporâneas (uma sendo a fase objetiva, e a outra, a fase subjetiva do desdobramento do complexo mágico primitivo) e as duas devem ser, tomadas à parte, consideradas como mais pobres do que a magia de onde elas saíram (SIMONDON, 2002, p. 240).

Ou seja: Simondon encontra na magia uma espécie de potência amorfa superior à dos domínios subsequentes, por sua vez mais funcionalmente diferenciados em seus respectivos domínios. Por um lado, este tipo de magia ontogenética seria uma dimensão perdida da cultura, e não só da cultura moderna. Saberíamos dela por seus rastros passados e por sua sobrevivência incompleta na dimensão estética (campo onde é possível reunir as modalidades distintas da cultura após sua diferenciação funcional).

Por outro lado, a fase mágica descreve a condição genética da cultura, ao caracterizar a reticulação inicial entre uma comunidade e os pontos-chave do seu meio-ambiente. *Reticulação esta que ainda se prolonga no presente*, isto é, na forma de gestos modulados em relé, na forma de estruturas sedimentadas pelas cadeias gestuais de nossos antepassados. Nesse sentido, a fase mágica aponta não só para o fato de que toda cultura é uma cadeia coreográfica produzida por gestos, mas também para o fato dela continuar a carregar em suas cadeias operatórias recursivas atuais suas condições efetivas de emergência material.

Esta seria, portanto, a dimensão política da fase mágica: descrever a reticulação estrutural de base que funda a cultura como sua condição prolongada e permanente de gênese coletiva em acoplagem com o meio. Para entender isso melhor, precisamos entender o que Simondon entende pelo potente mas elusivo conceito de reticulação.

3. A reticulação mágica: pontos-chave de troca entre humano e meio

Sobre a reticulação, escreve Simondon que seria o tipo de ordenação "mais simples, dúctil, vasta e concreta do mundo", permitindo a articulação de "massas concentradas de realidade" por meio de "pontos-chave da troca direita entre humano e meio" (2012, p. 229).

Simondon descreve a primeira reticulação da magia como essa emergência de *pontos-chave de troca*, a organização de lugares e momentos privilegiados como o alto de uma montanha, uma constelação ou uma clareira. Esta rede de troca pré-técnica e pré-religiosa da magia parece misturar uma evocação humana com uma disponibilidade local de forças naturais. É a emergência de um acoplamento técnico-geográfico de uma coletividade a um meio, através de gestos propiciatórios, marcos e limiares que diagramam e estruturam as forças coletivas num conjunto cronotológico viável e comunicativo.

Para dimensionar melhor a aparente centralidade desta noção de reticulação para Simondon, assim como sua ductibilidade ou fertilidade analógica, por assim dizer, é importante lembrar que o próprio *ser em Simondon se organiza em rede*. Da mesma forma, digamos, que para Hegel o ser é lógico na sua essência, para Simondon o ser é o devir de uma trama polifásica e transdutiva que se espalha em uma série de espectros intensivos e se reticula em rede. Trama transdutiva de séries divergentes e convergentes que se apresenta para nós *physikós* e não *logikós*, como ele diz a respeito do coletivo (fisicamente e não logicamente). Mas o que quero dizer aqui com uma trama *transdutiva*?

O sentido corrente de transdução é o de uma conversão energética e estrutural (um microfone transluz ondas mecânica sonoras em impulsos elétricos, nossos olhos traduzem luz em impulsos nervosos), Simondon amplifica este sentido na sua obra para querer dizer também uma amplificação estruturante recursiva, isto é, que usa as camadas já formadas como patamar para a formação de novas camadas. O exemplo paradigmático que Simondon dá é

o da formação de um cristal a partir de um campo saturado de potencial, mas ele usa o conceito para descrever processos biológicos e mesmo sociais.

Talvez seja justamente por causa desta dimensão eminentemente concreta e analógica da reticulação que a visão de Simondon sobre a magia parece divergir em parte da grande maioria, se não de todas, as visões teóricas dominantes do século XX sobre este termo (e digo aqui tanto na antropologia quanto no mundo esotérico, talvez, embora em ambas as frentes meu conhecimento seja limitado³). A ponto de que talvez possamos dizer que Simondon mal esteja falando da mesma coisa que autores como Frazer (1966) e Mauss (2012), quando fala de magia⁴.

É claro que o gesto de considerar a magia como momento originário da humanidade é noção fundante da antropologia e recorrente no pensamento moderno sobre a cultura, mas Simondon faz isso sem encontrar na prática mágica uma simples compreensão defeituosa do processo causal (como fazia Frazer⁵) ou mesmo variações sutis em cima do princípio da causalidade (como fazem Mauss e Hubert).

Até onde consigo determinar, as principais abordagens do conceito etnográfico de magia no século XX, mesmo as posteriores a Frazer e Mauss, tende a envolver essa ideia de um efeito à distância,

³ Do que conheço de antropologia, o breve texto de Alfred Gell (1994) sobre o encantamento da tecnologia e a tecnologia do encantamento parece o mais próximo de convergir, em alguns pontos, com Simondon.

⁴ Passa perto, quem sabe, de Schelling na sua Filosofia da Mitologia, quando escreve que a magia não quer dizer nada mais, nada menos do que "potência e possibilidade" (SCHELLING, 1994, p. 99), fazendo uma equivalência com o conceito hindu de *Maya*. Como lhe é costumeiro, Schelling não desmonta a oposição entre algo ser pura ilusão e ser plena potência ao mesmo tempo.

⁵ Frazer, no seu influente *The Golden Bough*, divide a magia (1966, p. 23) em dois princípios, a lei da semelhança e a lei do contágio, ambos ancorados na produção de um efeito causal a distância (um baseado no princípio de que "*like produces like*", o outro na ideia de que elementos que já estiveram próximos continuam capazes de se afetar).

efeito que a razão moderna precisa necessariamente negar em sua realidade causal, mas que a etnografia mais sofisticada tenta tomar no mínimo enquanto coreografia real de crenças e práticas entranhada na tessitura de uma comunidade. É mais ou menos isto que faz Lévi-Strauss no ensaio magistral "O Feiticeiro e sua Magia" (2013), por exemplo, e que podemos encontrar repetidas vezes na obra de um antropólogo contemporâneo instigante como Michael Taussig. A magia aqui é considerada de maneira cuidadosa e sutil, e geralmente a partir de uma ambiguidade tensa e gerativa entre a eficácia eminentemente real de um gesto ritualizado dentro de uma comunidade e o caráter ilusório ou espectral daquilo que o gesto diz que faz.

A fase mágica que Simondon descreve não tem, ou ao menos não parece ter, estranhamente, essa ambiguidade espectral de base. Magia para Simondon é reticulação coletiva entre ser e meio, é articulação de feixes concretos de realidade figural e de fundo. É a condição ontogenética e analógica de base da cultura humana e é, nesse sentido, a coisa mais literal que existe.

Ou seja, o tipo de poder que a magia detém em Simondon está mais próxima, talvez, da realidade diagramática de um derivativo financeiro ou de uma decisão judicial do que de gestos e ritos simbólicos, no sentido que geralmente damos a estes termos (como praticados, por exemplo, por artistas, sacerdotes ou xamãs). Afinal, tanto uma abstração financeira quanto uma sentença de direito penal são gestos simbólicos humanos que se inserem dentro de pontos-chave privilegiados que detém poder operatório de canalização real de forças socio-técnicas.

Talvez possamos encontrar ecos da visão de Simondon no generalismo ambicioso que os Mauss e Hubert empreendem no ensaio sobre a magia com o conceito de *mana*, palavra dos melanésios que designa uma espécie de força ou qualidade mágica que se transmite como ato pela cadeia dos seres (MAUSS, 2012, p. 101).

O *mana* seria contagioso e transmissível, seria não só uma força eficaz mas a própria eficácia (MAUSS, 2012, p. 104), o valor diferencial ou energético de todas as coisas cuja diagramação má-

gico-prática emerge por meio de uma concreção coletiva. Ainda assim, mesmo uma força vasta como o mana, vinculada como é a uma dimensão energética eminentemente real, parece mais fundado num efeito simbólico difuso e coreográfico do que naquilo que Simondon chama de *reticulação*.

A magia para Simondon é a diagramação coletiva de pontos-chave da troca direta entre humano e meio de modo que estes articulem massas concentradas de realidade. Boa parte das práticas que Mauss e Hubert descrevem como magia no seu ensaio seminal e erudito de 1903 sobre o assunto (variações desse tipo de efeito produzido à distância por algum vínculo sobrenatural) não preencheria, ao que me parece, estes requisitos de Simondon.

Mauss e Hubert também opõe a magia da religião, no ensaio, mas sem dar essa potência amorfa tão considerável para a primeira. O único momento do ensaio em que Mauss e Hubert parecem estar falando exatamente da mesma coisa de que fala Simondon é quando ambos os antropólogos destacam a inseparabilidade entre a força mágica e o seu meio (MAUSS, 2012, p. 100). As formas rituais que criam as forças mágicas seriam formas de circunscrever e criar o seu ambiente, exatamente como em Simondon. Até aí, a magia de Simondon conversa com a de Mauss e Hubert. Mas de resto, não muito.

Sem querer aqui, de maneira alguma, diminuir a importância da visão teórica mais tradicional da magia e da feitiçaria⁶, mais focada numa tensão entre ilusão simbólica com efeito coletivo vinculante real, acho que é interessante entender o que oferece essa visão de Simondon, mais centrada na reticulação como seu eixo estrutural. Acho que a visão idiossincrática de Simondon interessa por essa diferença de potencial, no mínimo. Não quero sugerir, claro, que esta concepção de magia venha do nada, de lugar

⁶ Recomendo, por exemplo, o livro de Isabelle Stengers e Daniel Pignatarre (2005) para uma perspectiva interessante da feitiçaria do capitalismo, que se aproxima da visão tradicional de magia em partes mas também se afasta dela em outras, propondo pensar na captura dita 'ideológica' do capitalismo como uma espécie de feitiço.

algum. Simondon talvez se inspire aqui um pouco na compreensão nas tradições renascentistas de magia natural, por exemplo, que em autores como Giambattista Della Porta tinha muito de experimentação química antes da letra (PARIKKA, 2019, p.206). As menções crípticas e eventuais que Simondon faz à alquimia na sua obra fortalecem a impressão que parece ser ao menos em parte desta sopa renascentista de magia natural experimental que brota a sua concepção de magia⁷. Mas mesmo que possamos determinar melhor a filiação histórica da magia de Simondon, isto não esgotaria suas possíveis leituras.

A dimensão política da reticulação, que é o que estou tentando realçar, torna-se mais clara quando Simondon escreve que os pontos-chave da reticulação técnica do mundo constituem uma *constelação* política energética e estrutural que governaria os problemas econômicos. Os pontos-chave das condições energéticas e estruturais da sociedade, como o petróleo, emergem com uma força parecida com a da reticulação inicial do coletivo no meio.

O desafio Simondoniano, então, para a fundação de uma nova cultura técnica, uma que não seria hilemórfica como a nossa, reproduzindo a cultura escravista embutida nos nossos moldes e molduras socio-técnicos dominantes, começa em transformar os pontos-chave das redes técnicas atuais em termos de referências reais para os conjuntos de grupos humanos (SIMONDON, 2012, p.301). Porque no momento não são, encontrando-se quase completamente escondidos pela defasagem bruta da mediação mecanológica da sociedade, soterrados por camadas e camadas de dominação econômica, assimetria colonial e alienação material. E essa tendência hilemórfica e alienante da técnica parece ter apenas se acentuado desde o final dos anos oitenta, quando Simondon nos deixou. As formas de computação pessoal que começaram a se

⁷ Para uma boa descrição histórica desse período de experimentação proto-científica do início da modernidade e suas influências oculistas e herméticas, ver as obras da historiadora Frances Yates, como "Giordano Bruno and the Hermetic Tradition", de 1964, e "The Occult Philosophy in the Elizabethan age", de 1979.

tornar dominantes durante esta época, por mais que tenham permitido a popularização e quase democratização eventual do seu uso, em alguns países, são basicamente baseadas numa hierarquia rígida entre programador e usuário (hierarquia que, para Kittler, reproduzia a divisão de classes dos EUA).

Se IBM e Microsoft já construíram o usuário programável ao longo da década de noventa, os smartphones desde o iPhone, então (que passaram a encapsular todas as funções sociais de comunicação, trabalho e entretenimento digital numa única tela manipulável com os dedos) parecem uma radicalização do hilemorfismo como diagrama operatório total de consumo do mundo.

Para Simondon, combater a alienação técnica significaria, ao menos em parte, recriar feixes diretos de articulação socio-técnica e dos meios naturais associados na forma de conjuntos reais de ação coletiva. Ir na direção contrária à coreografia dominante do usuário como trabalhador não-remunerado das plataformas, assim como dos usuários infinitamente programáveis de *hardwares* fechados para intervenção e reparo, e, portanto, maximamente descartáveis. Mas como fazer isso? E antes disso, ou melhor ainda, a quem caberia fazer isso?

4. Convergência e bifurcação: o papel do pensamento e da arte

Contra a tendência pronunciada de divergência que caracteriza a expansão de domínios funcionais especializados na cultura, essa força de convergência precisaria se fazer intervir. Simondon assinala principalmente para a filosofia o papel da convergência, de fazer os diferentes domínios de reticulação se comunicarem. Ele também atribui um papel central para a estética, nesta direção, já que a estética seria o domínio capaz de reunir os campos funcionais já diferenciados. Para Simondon, arte é o que estabelece a transdutividade entre os modos diversos um em relação aos outros (2012, p. 273), ou seja, é a força que permite a conversão amplificadora e estruturante entre domínios operatórios distintos.

A magia em Simondon é uma fase do ser, o que significa um modo de sentido e de ação eficaz no mundo, mas não é uma "era" histórica. Na atual configuração polifásica, a religião continua com a estruturação do sentido e a técnica com a eficácia instrumental, já a "estética" seria, a princípio, essa fase "intermediária", ponto neutro que opera com elementos de ambos os processos. Enquanto o pensamento técnico é feito de esquemas figurais sem realidade de fundo, e o pensamento religioso é feito de forças de fundo sem estruturas figurais, o pensamento estético combinaria estruturas figuras e qualidades de fundo (2012, p. 260), ainda que sem a mesma vinculação prática da magia, ou mesmo da técnica e da religião.

Mas Simondon também impõe limites consideráveis à capacidade do pensamento estético de dimensionar por conta própria essa sua função, e limites ainda mais fortes à capacidade do ato estético de se inserir dentro de uma trama transdutiva de gestos, como ele entende que o pensamento reflexivo filosófico seria capaz de fazer. Para ele, a arte anuncia, prefigura e introduz, mas não realiza (SIMONDON, 2012, p. 274).

É possível compreender estes limites consideráveis que Simondon impõe ao pensamento estético e ao modo estético a partir da compreensão moderna de autonomia da arte, que ganhou corpo principalmente ao longo dos séculos XVIII e XIX, depois do nascimento da estética como um campo de discussão teórica, assim como da consolidação de diversas tecnologias burguesas e nacionalistas de distinção cultural.

Mas mesmo que se compreenda a arte como uma espécie de redoma individualista e desinteressada, separada da realidade operatória da sociedade, como parece fazer Simondon em alguns momentos do MEOT, o fato é que a história da arte do século XX é, em grande medida, a história da explosão continuada e retomada dessa redoma, por tantas ondas de vanguardas e experimentações (futurismo, dadaísmo, surrealismo, etc só para ficar nas primeiras). Não é claro se Simondon descarta a relevância expressiva e analógica desta história ou se simplesmente a desconhece.

Ainda assim, acredito que seja possível usar os termos propostos por Simondon na sua teoria trifásica considerando de maneira mais ampla o testamento estético do século XX, tanto do seu período quanto do futuro. Simondon, por exemplo, reclama que as fotografias de faíscas e as gravações de ruídos no seu tempo continuavam a ser explorações da realidade técnica, mas não uma revelação dessa realidade (2012, p. 312). Pois o artista coreano Nam-June Paik, associado ao grupo multi-mídia Fluxus, começou a produzir a partir de 1963, poucos anos depois deste trecho de Simondon ser escrito, uma série de televisões preparadas que podemos dizer que contribuíram justamente para *revelar* a realidade operatória do circuito recorrente de causalidade que produz a imagem da televisão. Tomando parte da exposição "Exposition of Music — Electronic Television", em Wuppertal, na Alemanha (uma das primeiras realizadas pelo artista), obras como "Kuba-TV" e "Participation TV" já convidavam a um uso interativo com os parâmetros do aparelho. Paik não só já usava aqui um objeto técnico para produzir arte, mas tentava ainda produzir um engajamento direto com os termos de um circuito técnico recorrente.

Vejam os outros exemplos de reticulação direta, tanto reativos quanto visionários, na arte e nos meios contemporâneos.

5. O retorno da magia: experimentos em reticulação

Há muitas maneiras de se entender as frases crípticas de Simondon a respeito da possibilidade de um retorno da magia⁸. Vou sugerir aqui, algumas maneiras em que algo neste sentido se anuncia ou mesmo já se apresenta disponível nas nossas atuais ecologias de meios de comunicação em rede.

⁸ Há uma menção lateral (SIMONDON, 2012, p. 251) que pode ser pouco mais do que força de expressão, mas num único momento do MEOT Simondon diz, com todas as letras, que "a nova magia" deve ser descoberta não no poder individual de agir, mas na racionalização de forças que situam o homem e lhe dão um significado num conjunto humano e natural (2012, p.146).

Em parte, ao falar aqui desse possível retorno da magia, eu estou falando de forma especulativa sobre tendências possíveis de convergência futura. Mas por outro lado, e acho que sem muito exagero, acho que já estamos lidando com algo parecido com este retorno, e quase exatamente nos termos que Simondon o descreve.

Simondon já dizia, afinal, em 1958, que: "os poderes, as forças, os potenciais que impelem à ação" existem no mundo técnico reticular tal como existiam no universo mágico primitivo (2012, p. 302.). E dizia ainda que essa potência reticular da técnica só aumentaria de acordo com o grau de ressonância interna das redes. Pois então, quase todos nós já vivemos hoje imersos na trama de uma ecologia digital, nossos corpos e cidades bombardeados por emissões em disputa ferrenha e cruzada pelo espectro eletromagnético. Já vivemos numa realidade aumentada de baixa-intensidade e muita ansiedade em que a coreografia social se encontra atada à coreografia das plataformas e dos hardwares corporativos, fechados e verticais na sua esmagadora maioria. Estamos, sempre que mexemos no celular, misturados a uma sinergia acelerada de cabos submarinos, sistemas elétricos nacionais e roteadores ligados a operadoras transacionais espargindo o ar em pulsos que se expandem para todas as direções. Vivemos o dia quase todo misturados a uma linha-temporal em que nossos esquemas corporais se confundem a uma sopa de publicidade, performance política privada e desempenho metrificado.

Podemos concluir, portanto, que as plataformas atuais já trazem um novo poder real para os atos mágicos tradicionais de nomeação e invocação. Corporações e celebridades, assim como sua família e amigos, podem ser invocados com sucesso a partir de seus nomes, nas plataformas corporativas. Atos simbólicos bem ou mal desempenhados de acordo com os ritmos do algoritmo e da sua mente coletiva podem desencadear reverberações globais e efeitos inesperados em cadeia.

Que fique claro, esse sentido específico de 'mágico' aqui não é algo em si positivo, visionário nem utópico. Ao menos não na maioria dos casos que eu vou descrever. Tampouco invoca a intervenção ou resposta de qualquer entidade externa aos nossos

sistemas socio-técnicos (não exatamente, ao menos). "Magia" aqui é apenas é uma tentativa concreta de se descrever essa reticulação direta entre humano e meio, figura e fundo, a densidade e extensão de uma coreografia coletiva em malha que se torna possível a partir do alto grau de ressonância interna entre as partes do conjunto técnico e os coletivos humanos que vivem nas suas entranhas.

Se a reticulação mágica em Simondon é a emergência de pontos-chave da troca direta entre humano e meio que articulem massas concentradas de realidade (SIMONDON, 2012, p. 229) a gente pode arriscar dizer que a partir da extensão e conectividade das redes técnicas contemporâneas, já descrito em sua forma incipiente por Simondon já nos anos 50, alguns pontos-chave privilegiados de troca já emergem de maneira tanto caótica quanto controlada nas nossas atuais ecologias corporativas de rede.

Nesse sentido, como já sugeri, também podemos pensar no poder real de diagramação de forças do mercado financeiro algo da reticulação mágica. A expansão do mercado financeiro por vários domínios da sociedade global nas últimas décadas só expandiu a capacidade dos seus operadores de articular e transformar as forças produtivas da sociedade a partir dos pontos-chave que suas redes técnicas proprietárias concentram e organizam.

Arrisco dizer que o poder de reticulação técnica da realidade hoje parece desmedidamente concentrado em dois grupos poderosos de uma classe de *vetorialistas* (para usar a expressão apta de Mackenzie Wark no seu *Manifesto Hacker*, de 2004). Esses dois grupos são bem-representados, no Ocidente, pelo Vale do Silício e por Wall-Street, de um lado os grandes monopólios da cultura digital, do outro o Mercado Financeiro. Por um lado, a confecção de hardwares e dos aplicativos que configuram a socialidade técnica hegemônica, por outro, a reticulação abstrativa do Capital que detém o poder de precificação do futuro da sociedade e dos seus bens individuais e coletivos.

As duas magias, a que cria *smartphones* e seus aplicativos e a que cria o dinheiro e seus infinitos derivativos temporais, estão misturadas a uma mesma sopa ideológica liberal, mas não são a mesma coisa. Os dois poderes são igualmente esotéricos e

concentrados, mas parecem expressar domínios de reticulação distintos, ainda que cruzados e co-dependentes na sua interrelação prática. Ambas as formas de magia existem misturadas à sinergia técnico-religiosa do Capital Internacional e às soberanias estatais que hoje existem na prática como formas subsidiárias deste poder.

Fora dessa magia branca do Vale do Silício e do mercado financeiro, temos ainda a chamada *magia memética* como candidata a uma forma de magia digital atualmente disponível. Misturando elementos de magia do Caos (tradição contemporânea de magia desenvolvida principalmente na Inglaterra, a partir dos anos 70) com o popular conceito de Meme, do biólogo Richard Dawkins, a magia memética já era mencionada em fóruns e zines desde pelo menos o início dos anos 2000, tendo sido semi-formalizada em 2004 por Kirk Packwood na publicação do zine-manifesto "Memetic Magic: Manipulation of the Root Social Matrix" (que veio a se tornar realmente influente apenas anos depois).

Confundindo-se em alguns pontos com outros exemplos de magia pop, como Grant Morrison e Alan Moore, além da sua versão vanguardista da *Hiperstição*, do grupo CCRU e de Nick Land (uma ficção que se profetiza verdade sabendo-se uma ficção), a magia memética parecia aparecer mais em espaços alternativos de dissidência cultural até mais ou menos 2015, quando passou a frequentar massivamente as bordas irônicas dos *edgelords*⁹ de extrema direita, trolls que brincam nas beiradas entre o que é provocação e o que é extremismo, onde fica difícil dizer o que é piada e o que está sendo dito a sério.

O caso mais comentado de 'magia memética' tendo um suposto efeito concreto, segundo seus próprios praticantes, seria o da eleição de Donald Trump, como descreve Egil Asprem num artigo recente (2020). A crença é de que uma conjuração memética iniciada

⁹ Um relato competente sobre esse movimento ocultista de nicho relacionado a eleição de Trump pode ser encontrado no documentário "Feels Good Man", de 2020. Já uma descrição bastante problemática mas certamente influente da ascensão do *edgelord* como polemista digital subversivo de extrema direita pode ser encontrada no livro "Kill All Normies", de Angela Nagle (2017).

por usuários do *4chan* e do *Reddit* teria desempenhado um papel crucial em amplificar a onda digital que levou Trump a explodir na internet quando sua candidatura ainda era uma piada para a grande mídia e para a maior parte do próprio partido Republicano. Como descreve Aspren, o resultado dessa combinação explosiva de oportunismo e reatividade foi o nascimento do Culto de Kek, "uma religião online situada em algum lugar entre a paródia, o faz-de-conta, estratégia metapolítica, expectativas genuinamente messiânicas, e magia" (2020, p. 23).

Que estas comunidades do auto-declarado submundo da internet de fato ajudaram a catapultar Trump a um estado memético de hiper-replicação durante aquele período parece ser um fato relativamente bem-documentado, mas imagino que seria muito difícil, mesmo com uma pesquisa séria e substancial, determinar quais nichos e plataformas foram de fato determinantes num processo tão massivo, envolvendo tantos atores e redes distintas (muitos deles parte da mídia tradicional). E imagino também que toda esta descrição deva parecer um delírio febril para a maioria das pessoas que não acompanha esses nichos da sopa pré-biótica da infosfera, ainda mais diante da manipulação publicitária muito mais técnica e metrificada do Cambridge Analytica e outros fatores estruturais da arquitetura política e informacional da eleição de 2016 amplamente discutidos desde então.

De qualquer forma, mesmo se você não levar nada a sério a efetividade desta forma de magia virtual, tanto o Trumpismo quanto o Bolsonarismo parecem-me sugerir que a internet permite a reticulação coletiva em alguns pontos-chave privilegiados de troca direta. Por 'direta' aqui eu não quero dizer, claro, sem mediação, como aconteceria na fase mágica inicial (se bem entendo Simon-don). Ou como num comercial da Apple. Quero dizer apenas que não há *sensação de mediação*, dentro deste novo campo mágico de reticulação coletiva, e que por isso mesmo algo da confusão entre sujeito e objeto também retorna. A meta, nem sempre tão bem alcançada, de toda religião. Os grupos de Whatsapp no Brasil, por exemplo, permitem a criação de uma ecologia informacional alternativa onde os pontos-chave articulam massas concentradas

de realidade. Plataformas privadas como Twitter permitem que a recorrência que Simondon descreve entre governado e governante seja instanciada em tempo real.

Para deixar claro: não estou dizendo que o populismo digital de direita é uma encarnação plena do retorno da fase mágica de Simondon, claro. Mas eu diria, sim, olhando para o Whatsapp e o Facebook, o que disse o crítico literário Kenneth Burke sobre o "*Mein Kampf*": este é o poço de magia nazista. É uma magia bruta, mas funciona (BURKE, 1957, p.195). Funciona para seus propósitos de empoderamento de um grupo de ressentidos paranoicos num projeto de auto-destruição coletiva, mas funciona. No mínimo é uma nova ecologia de meios técnicos de governança, certamente um tanto diferente, digamos, da acoplagem entre técnica e poder que havia entre Getúlio Vargas e seus governantes por meio da Rádio Nacional.

São poucas, se é que existem, as estratégias progressistas bem-sucedidas no campo da reticulação direta de feixes de realidade, ou de revelação de constelações operatórias como conjuntos reais de ação, mesmo as tentativas tímidas que existem de manipular as plataformas para estratégias progressistas, como a do "*Sleeping Giants*", parecem derivar inteiramente dos termos que o mercado já produz.

Talvez isto expresse menos uma falta de imaginação progressista e mais os constrangimentos consideráveis dos jardins corporativos das grandes plataformas digitais. De qualquer forma, uma década depois dos ciclos progressistas de revolta e ocupação urbana, o poder de articulação do alto grau de ressonância técnica em pontos-chave de reticulação coletiva ainda parece muito melhor manipulado pela direita global do que pela esquerda.

Mesmo o imaginário utópico da descentralização da informação, tão presente no primeiro momento da internet, se vê hoje capturado pela seita libertária do Bitcoin, que acha que vai acabar com o sistema financeiro internacional com um jogo especulativo de escalabilidade prática bastante discutível (para não dizer esquema de pirâmide irresponsável no seu dispêndio de energia).

Além de toda essa magia sinistra e tenebrosa correndo solta, há obras interessantes em outra direção que também merecem comentário, como "Autonomous Trap 001", de James Bridle, em que Bridle traça um círculo de sal no chão em volta de um carro que conduz a si próprio. Evoca-se aqui formas tradicionais de proteção mágica, mas no caso o círculo é usado para deter um robô em quatro rodas empregando os símbolos convencionais que o próprio carro é treinado a compreender (no caso, o glifo para "Entrada Proibida"), de modo a confundir sua programação e prendê-lo numa armadilha analógica simplérrima.

O gesto de Bridle é mais simbólico do que efetivo, talvez, ainda que ele tenha ido atrás de torná-lo operacional por meio de seu próprio código. Mas não deixa de ser um gesto poderoso, acho, ao menos em nos mostrar como vai se tornar importante termos em mente as maneiras padronizadas com que as inteligências artificiais conseguem abstrair sentido do território. Porque nós já vivemos misturados a incontáveis campos perceptivos inumanos, de fato a maior parte da comunicação produzida por dispositivos humanos é estritamente inumana. Máquinas conversando umas com as outras. Satélites e servidores remotos dando *ping* uns para os outros. *Bots* com *scripts* maliciosos falhando em *Captchas*.

A outra obra é *CV Dazzle*, de Adam Harvey, uma espécie de tutorial de maquiagem assimétrica com padrões geométricos estrategicamente calculados para eludir algoritmos de detecção de rostos e de reconhecimento facial em geral. Como a armadilha de Bridle, o gesto aqui também é mais simbólico do que efetivo (algumas das dicas já não funcionam com os algoritmos mais novos), mas também demonstra como a manipulação da maneira destas inteligências artificiais abstrair sentido do território pode vir a se tornar uma forma real de poder, no futuro breve que em alguns cantos já podemos muito bem chamar de hoje.

6. Conclusão: convergência e bifurcação

Simondon parece sugerir, em relances, que a magia seria uma condição genética formal da cultura que poderia retornar ou ser re-ativada a partir de uma nova convergência histórica e uma nova forma de reticulação técnica coletiva.

Para além dos limites fundantes das culturas moderna e contemporânea, cindidas entre um fundo religioso sem figuração funcional e uma figuração técnica sem fundo valorativo comunitário, a fase mágica em Simondon aponta para a neotenia latente da cultura compreendida como reticulação coletiva entre comunidade e meio-ambiente, base energética e estrutural de toda criatividade real.

Cabe então ao pensamento reflexivo e à arte revelar por debaixo das camadas de computação corporativa hilemórfica os feixes reais de articulação de realidade em massa que as redes técnicas já configuram no presente. A alienação técnica deve ser combatida por meio da revelação coletiva dessa constelação política operatória dos pontos-chave energéticos e estruturais dos conjuntos técnicos da sociedade, assim como da realidade dos sistemas financeiros e jurídicos como formas de poder acoplados, na prática, como única forma legítima de produzir rituais diagramáticos efetivos.

Vamos precisar de todo tipo de invocações e conjurações para destruir o domínio mágico do Capital, bruxas e bruxos analógicas e digitais, tanto com ritos simbólicos eficientes quanto com a diagramação e a conjuração de novos tipos de circuitos operatórios de emancipação técnica coletiva.

Talvez seja genuinamente mais viável tentar conceber formas de invocação e conjuração para lidar com esses campos de forças políticas do que continuar insistindo num vocabulário de fundo liberal fundado nos termos operacionais da modernidade, com seus sujeitos em domínios bem-demarcados lidando com vontades e contratos num mundo de objetos bem-recortados. Talvez não seja uma má ideia refazer os catálogos de demônios (do tipo *Pseudomonarchia Daemonum*, do século XVI), mas listando

no lugar de demônios as entidades corporativas que efetivamente possuem a Terra, seu gado, suas dívidas amontoadas e o seu petróleo. Um catálogo assim nos daria talvez, uma constelação política mais real das forças que nos regem do que a Assembleia das Nações Unidas hoje nos dá.

Ainda é uma questão aberta se a nova magia vai nascer também como emancipação coletiva da reticulação técnica, generalização do poder de programação e invenção para toda a sociedade ou se vai continuar funcionando principalmente como funciona hoje, mero prolongamento dos sacerdócios verticais sombrios do mercado financeiro e do vale do silício. No momento, pelo menos, a segunda opção parece com certeza a mais provável. Mas a internet ainda é uma criança (ou um adolescente mimado), o certo é que nós não vimos nada ainda.

Referências:

ASPREM, E. **The Magical Theory of Politics**. Nova Religio: The Journal of Alternative and Emergent Religions, Volume 23, Issue 4, pages 15–42

BURKE, K. **The Philosophy of Literary Form**. New York: Vintage Books, 1957.

FRAZER, J. **The Golden Bough: Vol 1**. London: Macmillan and Company, 1966.

GELL, A (1994). The Technology of Enchantment and the Enchantment of Technology. *In*: COOTE, J., **Anthropology, Art, and Aesthetics**. London, Clarendon Press, 1994, pp.40-63
LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural dois**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MAUSS, M. **Sociologie et anthropologie**. Paris: PUF, 2012.

NAGLE, A. **Kill All Normies: Online Culture Wars from 4chan and Tumblr to Trump and the Alt-Right**. London: Zero Books, 2017.

PARIKKA, J. "Magic By Design: Conjuring Media Realities" *In*: WITZGALL, S. **Real Magic** Zurich: Diaphanes, 2019, pp. 203-210.

SCHELLING, F. W. J. **Philosophie de la mythologie**. Paris: Millon, 1994.

SIMONDON, G. **Du mode d'existence des objets techniques**. Paris: Aubier, 2012.

SIMONDON, G. **L'Individuation à la lumière des notions de forme et de information**. Paris: MILLON, 2013.

STENGERS, I.; PIGNARRE, P. **La sorcellerie capitaliste**. Paris: Éditions la Découverte, 2005.

WARK, M. **A Hacker Manifesto**. Harvard University Press, 2004.